

**Anna Kalewska**

Instituto de Estudos Ibéricos  
E Ibero-Americanos  
da Universidade de Varsóvia  
(IEI e Ib UV), Polónia

**QUEM MATOU O BRANCO EM *VINTE E ZINCO* DE MIA COUTO?**

**O SER OU NÃO SER DE DUAS CULTURAS NUM DRAMA (QUASE) SEM CATARSE**

**Para a Professora Inocência Mata**

**Resumo:** O romance *Vinte e Zinco* (1999) de Mia Couto foi levado à cena no Teatro D. Maria II (Lisboa), em Abril de 2007, para comemorar a revolução portuguesa do 25 de Abril de 1974 e abrir um espaço cénico relacionado com a multiculturalidade lusófona. O título reivindica a presença e reclama a identidade dos moçambicanos mais pobres, os que vivem “nas casas de zinco”. O texto romanescos dramatizado por M. J. Rocha – sobre o pido moçambicano Lourenço de Castro e as vicissitudes dos seus familiares e amigos, tendo como pano de fundo a reviravolta política na Metrópole/revolução de 1974 em Lisboa – foi classificado como épico, mágico, simbólico, onírico, ‘branco’ e ‘negro’, por ter introduzido os protagonistas das duas raças. Na óptica do presente artigo (genérica e histórico-literária), trata-se de um drama anti-clássico do não-entendimento de duas culturas e de duas identidades (a portuguesa decadente e a moçambicana incipiente), da multiculturalidade frustrada e impossível. Qual a lição da ‘estória’ de um anti-Hamlet moçambicano? Desviar a atenção da língua e da cultura do antigo colonizador para uma moçambicanidade incipiente será um exercício de reapropriação e de reinvenção do discurso já existente e tecido sempre em português: o sobre a (des) construção da Lusofonia com o Outro, o discurso sobre a procura de uma nova dimensão filosófica do pós-25 de Abril.

**Palavras-chave:** descolonização, drama anti-clássico, (des)assimilação, moçambicanidade, multiculturalidade

**Title:** Who killed the white em *Twenty and Zinc* by Mia Couto? To be or not to be of two cultures in a drama (almost) without catharsis

**Abstract:** The novel *Twenty and Zinc* (1999) by Mia Couto was staged in the Queen's Mary II Theatre (Lisbon) in April 2007 in order to commemorate the Portuguese revolution of 25.04.1974 and open a scenic place related to Lusophone multicultural environment. The title claims the presence and demands an identity for the most poor of the Mozambicans, the ones who live in the "houses of zinc". The romanesque text which tells the story of a PIDE secret police agent Lourenço Castro and the vicissitudes of his familiars and friends - having for background the sudden political turn in Metropolis/Lisbon revolution of 1974 - was dramatized by M. J. Rocha and classified as epic, magic, symbolic, oniric, "white" and "black" because of having introduced the protagonists from the two races. In the perspective of the present article (focused on generic, historic and literary studies) the question is about an anti-classical drama of misunderstanding of two cultures and two identities (the Portuguese decadent one and the Mozambican incipient cultural identity), about the multicultural albeit frustrated and impossible approach. What should be the lesson of a story about an anti-Hamlet from Mozambique? An act of misreading of the language and culture of the antique colonist towards and incipient mozambicaness will be an exercise of reappropriation and reinvention of the discourse already existing in Portuguese: the one about the (de)construction of the Lusophone Cultural Identity within the Other, the discourse about the quest for a new filosofical dimension of post-April 24<sup>th</sup> reality.

**Key words:** (de)colonization, anti-classical drama, (dis)assimilation, mozambicaness, multiculturalism

"A questão não é quanto os moçambicanos falam português mas quanto os moçambicanos são falados pelo português. E esse processo de apropriação recíproca está apenas começando."

Mia Couto, *Luso-Afonias – A Lusofonia entre Viagens e Crimes* (2004:166).

"A par de línguas de raiz africana, a língua portuguesa é uma das ferramentas de fabricação da identidade nacional e de construção da modernidade em Moçambique. O lugar da língua portuguesa como idioma oficial não pode ser construído de forma hegemónica, à custa da sobrevivência das línguas bantus que são os idiomas

veiculares da maior parte dos moçambicanos. Neste contexto multilingue, os moçambicanos estão reinventando a língua portuguesa, ao mesmo tempo que ela os está inventando como corpo colectivo, como sujeitos de uma cultura apta para o afecto e para as negociações com a modernidade”.

Mia Couto, *Prémio União Latina. Reinventar a língua* (2007:4).

No início de 2006 o Teatro D. Maria II em Lisboa apostou claramente quer em autores lusófonos quer nos textos dramáticos abordando a “temática da multiculturalidade” (Cunha Rego 2006: 7). A temática em causa coadunou-se estrategicamente com o período da presidência portuguesa da União Europeia. O *JL* (nº 941) anunciou a entrada em cena de alguma dramaturgia lusófona. Era de esperar, nesse caso, que se encenasse, por exemplo, o *Budapeste* de Chico Buarque ou, então, as obras dramáticas de escritores angolanos: a *Nação Crioula* de José Eduardo Agualusa, *Quem Me Dera Ser Onda* de Manuel Rui ou, ainda, *Os Vivos, os Mortos e o Peixe Frito* de Ondjaki. No D. Maria II só um texto dramático, porém, chegou a ser representado: *Vinte e Zinco*, de Mia Couto<sup>1</sup>. A primeira edição de *Vinte e Zinco* foi publicada em 1999, na colecção Caminho de Abril, como obra comemorativa dos 25 anos do 25 de Abril.

*Vinte e Zinco* – terceira obra de Mia Couto posta em cena<sup>2</sup> - conta então uma história que se passou entre 19 e 30 de Abril de 1974, dias que precederam e sucederam à revolução dos cravos, sendo que o sétimo capítulo incide no próprio 25 de Abril português. A página oficial do Teatro Nacional D. Maria II não deixou o espectador à deriva, ao facultar-lhe o

---

<sup>1</sup> *O último voo de flamingo*, 2003, foi traduzido para polaco com o título de *Ostatni lot flaminga* por E. Milewska e publicado em Varsóvia, pela editora PIW, em Varsóvia em 2005; a tradução de um livro de contos coutianos será, brevemente, dada ao prelo, *Um colar dos contos/ Naszyjnik z opowiadań*, IELeB UV, Varsóvia 2008. À laia de posfácio, esta edição vai publicar a minha tradução do inédito de 2000: *Luso-Afonias – A Lusofonia entre Viagens e Crimes*, dado à estampa em *Questão*, nº 1 (2004): 161-168.

<sup>2</sup> De entre as obras de Mia Couto postas em cena pelo Teatro Meridional destacam-se *A Varanda do Frangipani* e o *Mar Me Quer*, escrito em parceria com Natália Luiza (tendo como base a peça homónima dos mesmos autores, publicada por Cena Lusófona – Associação Portuguesa para o Intercâmbio Teatral, Coimbra 2002). O *Mar Me Quer* estreou-se no Teatro Meridional a 25 de Maio de 2001, em Lisboa, sendo integrado no Festival Mediterrâneos-Culturgest. A peça e o texto *Mar Me Quer* passaram, entretanto, e com grande sucesso, a encerrar o ciclo Práticas Cénicas Interculturais - acção da Cena Lusófona que decorreu em Julho de 2001 quer em Coimbra, quer em Timor Leste, onde participaram na I Festa da Independência, já em Maio do ano transacto. Para mais informações sobre as Práticas Cénicas Interculturais consultar: <http://www.cenalusofona.pt> (consultado em 19.04.2007).

conhecimento do entrecho do romance, cuja encenação e versão dramaturgica foi da responsabilidade de Maria João Rocha:

Numa pequena cidade do Norte de Moçambique, o 25 de Abril de 1974 é recebido de forma peculiar ... O português Lourenço de Castro, inspector da PIDE, perturbado pela morte do pai, vive com a mãe, Margarida e com a tia Irene. Lourenço de Castro conhece o que é ser membro da PIDE em solo africano, essa ‘fabricação do medo’ que mais não é do que o medo do próprio futuro. *Vinte e Zinco* é uma reflexão sobre o significado da Revolução e sobre as vidas cruzadas de estrangeiros que vivem em território colonial e aqueles que acreditam no poder da terra, o que ela aceita ou não. Oscilando entre dois tempos diferentes, o passado e o presente, mas também o tempo interior, as personagens agem e narram-se simultaneamente a si próprias, como se recordando o tempo ele se se pudesse corrigir. Nesta curta história de memórias, onde a literatura, a história e a ficção se entrelaçam, conta-se o arrivismo português nas colónias negras, a distância que separa os colonizados dos colonizadores<sup>3</sup>.

O gracioso título - trocando propositadamente o *c* pelo *z* (consoantes...) - lembra as casas com tecto de zinco, as habitações dos “negros pobres que vivem na madeira e zinco” (Couto 2004: s.p.<sup>4</sup>). Para estes moçambicanos - os negros, os marginalizados, os guerrilheiros – haviam de vir, como diz uma personagem (a adivinhadora ou a *nyaga* Jessumina), outros vinte e cinco ainda, “mais nossos”, isto é, havia de começar a época dos moçambicanos negros, da confirmação da identidade e da cultura dos autóctones moçambicanos. “O nosso teatro há-de vir!” .... - gritam os actores na primeira cena da peça.

---

<sup>3</sup> A página oficial do Teatro Nacional D. Maria II publicou este resumo da obra em questão, juntamente com a Biobibliografia de Mia Couto, com a entrevista a Maria João Rocha e com dois artigos de crítica: *A Ficção em Mia Couto: Vinte e Zinco* de Maria João Coutinho e *Rir num 25, dançar num outro 25* de Mia Couto. <http://www.teatro-dmaria.pt> (consultado em 12.05 e 11.06. 2007).

<sup>4</sup> “Vinte e cinco é para vocês que vivem nos bairros de cimento. Para nós, negros pobres que vivemos na madeira e zinco, o nosso dia ainda está por vir”. Fala da adivinhadora Jessumina (epígrafe no início do romance *Vinte e Zinco*, 2004).

Mas há, ainda, os moçambicanos brancos, os poderosos e os cúmplices do poder corrupto. Na óptica ideológica da obra, estreada como um drama épico<sup>5</sup> a 25 de Abril de 2007<sup>6</sup>, o “vinte e cinco é para vocês que vivem nos bairros de cimento”<sup>7</sup>, isto é, pertence à ideologia dos brancos. Seria, então, o 25 de Abril o verdadeiro triunfo do protagonista, o neurótico polícia da PIDE (Polícia Política Portuguesa) em Moçambique, de nome emblemático Lourenço de Castro, o “torturador torturado”, obcecado pelo “feitiço da pretalhada” (17)? Será uma revolução suficiente para mudar o mundo? Trata-se não somente de um profundo drama sobre a (des)assimilação de uma cultura, mas, sobretudo de um drama sobre o poder (e do im-poder político) do homem e dos seus limites, de um anti-Hamlet cujo protagonista não é um solitário príncipe, mas sim, um pide, um criminoso e um ser aberrante mergulhado na solidão e no desespero.

Numa pequena cidade do Norte de Moçambique vive então o português Lourenço de Castro, inspector da PIDE, perturbado pela morte do pai cujas pisadas tinha seguido com uma mistura de sentimento de culpa e de injúria. Vive como “o menino da sua mãe” Margarida, obcecado pelo amor incestuoso pela jovem Irene, sua tia, envolvido no *matope* (lama, lodo) das paixões abjectas, do seu ofício iníquo de perseguir os revoltados, entre eles o mulato Marcelino, o namorado de Irene. Lourenço é o continuador ‘genético’ dos serviços de seu pai, o pide Joaquim Lourenço. Como qualquer agente da repressão, utiliza todos os meios que tem para manter o terror. É a encarnação do espírito do Mal e, ao mesmo tempo, o homem-criança,

---

<sup>5</sup> “A história que Mia Couto conta em *Vinte e Zinco* (...) é uma história épica que, assim encurtada no espaço, talvez convocasse o mesmo sentido épico de actuação” (Simões 2007: 32). A Autora critica “a defeituosa estratégia do espaço” do modesto palco triangular do Salão Nobre do TDM II. No meu entender, depois de ter assistido a peça no Domingo de 29 de Abril de 2007 (Domingo), a divisão do palco em viés com uma tela transparente em duas partes e espaços de acções (a real e a contemporânea vs. a onírica e a do passado) deixa sempre algum espaço para mediação entre o texto e a representação, relacionando-se também com o carácter poético e inovador, ‘enviesado’ de metáforas e invenções linguísticas coutianas, veiculando uma mundivisão de valores antagónicos e complementares patentes na ideologia da peça.

<sup>6</sup> O Teatro Nacional D. Maria II estreou *Vinte e Zinco* de Mia Couto no dia 25.04.2007. A peça esteve no cartaz até 1.07.2007. Alguns dias antes, a 16. 04. 2007, Mia Couto tinha recebido o Prémio União Latina de Literaturas Românicas, como primeiro escritor moçambicano. Num texto enviado ao *JL*, o Autor lembrou que Jorge Amado tinha falado do Prémio da União Latina “como um modo de promover diálogo entre povos” (2007:4).

<sup>7</sup> Citação segundo a epígrafe inicial do romance *Vinte e Zinco*, mencionada na nota 4.

brincando com um cavalhinho de madeira e dando gritos de horror à noite, num sono mal conciliado, objecto de troça do narrador<sup>8</sup>.

O pide, com “a alma de um bicho” (81), é o protótipo da figura odiada por todos e que todos odeia, ignorando o relógio do tempo, a sucessão dos acontecimentos políticos, transformando-se num ser que vegeta, perdido no meio dos seus e de si próprio. A Lourenço de Castro parece quase impossível a queda do regime salazarista; o médico Peixoto informa-o de que “na rádio, dizem que houve um golpe de Estado, caiu o regime” (68). Na óptica dos colonizadores, o 25 de Abril seria, então, muito mais uma reviravolta política na Metrópole do que uma profunda revolução capaz de instaurar uma nova ordem no mundo lusófono. O tio Custódio, Andaré Tchuisco e os pretos tiveram seus “socialismos” ou, melhor dito, ambições de branquear a raça. Por sua vez, o pide quase não precisava de ter pais, ambições, crenças: “Havia Salazar, a pátria, a ordem” (98). É a imagem grotesca do anti-herói nacional e colonial, de um anti-Hamlet branco, moçambicano, condenado a uma absoluta e implacável desassimilação e ao eterno e justo esquecimento.

*Vinte e Zinco* – uma novela política, simbólica, onírica, mágica, ‘branca’ e ‘negra’ foi, então, posta em cena numa tentativa de ultrapassar a categoria de um texto lido como “não teatral”<sup>9</sup>. É uma reflexão amarga sobre o modo como o 25 de Abril foi vivido pelos negros e pelos brancos em Moçambique.

---

<sup>8</sup> Cf. Maria João Coutinho, *A ficção em Mia Couto: «Vinte e Zinco»* (2007: 5) <http://www.teatro'donamaria.pt--> (consultado em 11.06.2007).

<sup>9</sup> A primeira obra de Mia Couto posta em cena foi a encenação do romance *A Varanda do Frangipani*, editado em 1996 pela editora portuguesa Caminho e posteriormente pela Ndjira de Moçambique, integrando-se em 1999 nas actividades de dois grupos profissionais: Teatro Meridional em Lisboa (numa co-produção com o Teatro Nacional de S. João) e o Teatro Art Imagem no Porto (integrado nas actividades do Porto Natal Teatro Internacional). A adaptação lisboeta de J. Salvatierra manteve-se fiel ao título dado pelo autor, enquanto o artista moçambicano A. Massagela preferiu fantasiar o título e chamou o espectáculo portuense *Minha Conto*, em alusão ao nome pelo qual os meninos de rua de Maputo chamam Mia Couto. Duas peças diferentes, mas com a mesma origem: as ‘estórias’ contadas por dois velhos entregues à loucura e à espera da morte numa antiga fortaleza colonial em Mocambique, transformada em asilo, personificando as raízes de um país que sofre de várias doenças e econtra-se devastado pela guerra. Para mais informações sobre adaptações dramáticas coutianas consultar <http://www.teatromeridional.net> (consultado em 2.02.2008); <http://www.ccpm.pt/24-teatro.htm>; <http://www.mol.co.mz/notmoc/2000/0221cu.html>.

As duas 'estórias', a começar pela do moçambicano cego Andaré Tchuisco, pintor das paredes da mesma prisão pidesca em que se consumam os crimes perpetrados pelo protagonista, um polícia da PIDE de nome Lourenço de Castro, exemplificam a tragédia da dúvida e do desespero de moçambicanos e portugueses com a mesma sorte, mas não redimida pelo 25 de Abril. Vale a pena lembrar aqui a opinião de Mia Couto proferida no texto *Luso-Afonias – A Lusofonia entre Viagens e Crimes*: “não foi Portugal que descolonizou os países africanos. A descolonização só pode ser feita pelos próprios colonizados. E nós todos éramos colonizados. Descolonizámo-nos uns aos outros, uns e outros” (2004:165). O verdadeiro drama de *Vinte e Zinco* reside no não entendimento do colonizador e da cultura colonizada. A culpa primordial – o sentimento de culpa e de injúria oriundos de quinhentos anos de colonialismo – não se resgata em virtude de uma única revolução.

*Vinte e Zinco* é um drama anti-clássico (quase nada aristotélico, shakesperiano 'ao contrário') do não entendimento de duas culturas, da multiculturalidade frustrada e impossível, da relação entre duas raças ainda por redimir, formular e construir. Andaré Tchuisco, o representante do humilhado povo negro de Moçambique não se esquece da sua condição humana e, no desfecho da obra, tenta um gesto libertador. Quando se apercebe de que na sala Kula, o lugar das torturas, entre as manchas vermelhas na parede, jaz no chão, entre as manchas vermelhas na parede, o morto Lourenço de Castro, “o cego fica à porta como se lhe doesse entrar” (104). Não foi ele, com certeza, quem matou o Inspector Castro. Teria sido Chico Soco-Soco, o cipaio torturador, que fora morto à pancada pelos presos soltos da cadeia? Ou um destes? “Quem os soltara?” (2004: 100) – questiona-se o narrador pouco ciente dos acontecimentos. Na última cena da peça, antes de querer apagar o sangue do seu ex-chefe das paredes da prisão pidesca, Andaré tenta explicar o mistério da morte do branco falando com os ex-prisioneiros:

ANDARÉ: - Mataram Lourenço?

- Nós matámos o pido preto.

ANDARÉ - Então quem matou o branco?

- Cada qual mata o da sua raça (101).

A pergunta “quem matara Lourenço de Castro” obceca o próprio narrador, mas a culpa recai tanto nos negros como nos brancos, numa visão apocalíptica de auto-aniquilação e humilhação última, tanto dos cúmplices do regime como dos seus opositores. A morte de Lourenço de Castro suscita o terror e a piedade, segundo a lição de Aristóteles contida na *Poética*, mas não detém um efeito catártico.

*Vinte e Zinco* seria então um drama (quase) sem catarse, representando um conflito resultante do facto de Portugal, Moçambique e outros países de língua portuguesa não se terem libertado uns dos outros, depois dos respectivos actos de proclamação das independências (1974-1975), continuando num frustrado sistema de mútuas dependências. Como justamente lembrou Mia Couto num texto escrito para *JL*, logo após ter recebido o prémio da União Latina:

Moçambique será para muitos de vós uma nação quase desconhecida. Contudo, o percurso desta jovem nação, desde 1975, ano da proclamação da Independência, é uma riquíssima epopeia de sonhos e utopias, de apostas desfeitas e refeitas contra o peso da História. Esse percurso de guerras e dramas fez-se de materiais humanos sublimes, de histórias individuais e colectivas profundamente inspiradoras. São essas vozes que disputam rosto e eco nas páginas dos meus livros (2007:4).

A Lusofonia viveu um pesadelo de vivos-mortos e das suas sombras desenhadas nas paredes das prisões mentais, identitárias ou em aporias, dificuldades insolúveis da

consciência e do imaginário. Se existisse, a catarse operada no espectador pela morte de Lourenço de Castro teria a ver com a cerimónia de iniciação numa moçambicanidade nova, no reconhecimento dos moçambicanos negros pelos brancos como cidadãos do seu país, na entrada de uns e de outros na categoria dos assimilados no universo “falado pelo português”, redimido pela língua portuguesa, reinventada e expurgada das paixões malignas do passado, em virtude da dignificação dessas “criaturas repartidas” que, sempre ainda segundo Mia Couto, são um “arquipélago de identidades de que se constitui a alma moçambicana” (*ibid.*).

Com o drama *Vinte e Zinco*, Mia Couto queria mostrar que, no 25 de Abril vivido em Moçambique (e, como é óbvio, em outros países da África e da Ásia lusófonas não havia uma coincidência total entre os objectivos dos moçambicanos brancos (das casas de cimento) e dos moçambicanos pretos (das casas de madeira e zinco) e o que estava a acontecer em Portugal. A utopia de libertação da condição de miséria ainda não foi cumprida. Segundo Lourenço de Castro, “África teve duas grandes tragédias, uma foi a chegada dos brancos, a outra (...) a partida dos brancos” (2004: 97). Neste sentido, a construção da identidade moçambicana (nacional, histórica, cultural) teria sido duplamente traumatizada. Se existe uma dramaturgia moçambicana<sup>10</sup>, ela ainda se encontra em fase de configuração, a par do próprio sentimento de nacionalidade moçambicana e da língua portuguesa, que está a ser reinventada pelos moçambicanos. Bem disse Mia Couto nas *Luso-Afonias...*: “a língua portuguesa não é

---

<sup>10</sup> O trabalho de investigação sobre o teatro em Moçambique (na vertente popular) foi iniciado por Anna Fresu e Mendes de Oliveira: *Pesquisas para um teatro popular em Moçambique*, Cadernos TEMPO, Maputo 1982. A publicação da peça de Leite Vasconcelos - *As Mortes de Lucas Mateus* pela Cena Lusófona, Coimbra 2000 – iniciou a escrita para o teatro por dentro da obra jornalística do Autor (falecido em 1997). As Práticas Cénicas Interculturais da Cena Lusófona continuam a resgatar a cultura moçambicana; as *Xtórias*, pelo Arte Pública de Beja (2002) no Espaço A Escola da Noite foi um espectáculo construído a partir de vários contos recolhidos no Baixo Alentejo e no povo Maconde, no norte de Moçambique. A *Karingana*, do poeta moçambicano José Craveirinha, foi contada e encenada no mesmo Espaço..., também no Verão de 2002. As Práticas Cénicas Interculturais juntaram, no mesmo período que medeia entre 2001-2002 e sempre em Coimbra, experiências múltiplas da interculturalidade lusófona na vertente dramática. No âmbito dessas práticas, o *Mar me Quer* de Mia Couto foi encenado pelo Teatro Académico de Gil Vicente, nos dias 30 e 31 de Julho de 2002. A “entrevista” cabal do teatro moçambicano contemporâneo (na vertente artística e institucional) foi realizada por Cristina Maia Caetano: *Conhecer o Teatro em Moçambique* (2004). Para mais informações sobre o grupo Motumbela Gogo e uma reflexão dramaturgical sobre a identidade moçambicana e aposta num teatro verdadeiramente nacional (inclusive a adaptação de obras de escritores “locais”, como Rui Nogar ou Mia Couto) consultar <http://www2.rnw.nl/rnw/pt/actualidade/africa/at040921teatro?Mocambique> (consultado em 03.12.2004).

ainda língua de Moçambique. Está-se exercendo, sim, como a língua da moçambicanidade” (2004:166). Ao mesmo tempo, é a língua portuguesa que os está a inventar como corpo colectivo, como descendentes dos negros e dos brancos, como sujeitos de uma cultura apta a inscrever-se num futuro positivo, aberto às negociações com a modernidade, sem manchas de sangue que havia nas paredes da prisão da PIDE, apagadas à pressa por Andaré Tchuisco na última cena da peça, referida por Claire Williams como um acto simbólico de apagamento das memórias traumáticas da história de Moçambique<sup>11</sup>, que prepara o solo para uma nova história do seu país e para uma nova realidade das ex-colónias portuguesas. Enfim, segundo o autor das *Luso-Afonias...*,

A lusofonia essa que se quer que venha a ser nossa, não pode ser olhada como qualquer coisa em função de Portugal, ou de interesses de grupos portugueses. Engrandecer o lugar do antigo colonizador pode ser, afinal, uma posição de colonizado. Esse projecto só pode valer se ele nos ajudar a construir futuro, se for uma ideia produtiva (2004:166).

A Lusofonia que entrou em diálogo com outras culturas aquando do colóquio dos 30 anos da secção luso-brasileira do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, Polónia, não será isenta desta e de outras lições e desafios. A língua portuguesa continuará, com certeza, como ‘elemento’ aglutinador de vários grupos étnicos, académicos e culturais. Será que, andando à boleia da História (o que constitui prática corrente na Polónia), teremos sempre o direito para “tecer um tecido africano com panos e linhas europeias” (Cavacas 2006: 64)? Ensinadores e desviadores (in)voluntários de identidades, vivemos as nossas epopeias, pequenos e grandes dramas de sonhos e utopias.

---

<sup>11</sup> Esta cena foi referida por Claire Williams no artigo *Amnésia, anestesia e sinestesia em «Vinte e Zinco» de Mia Couto* (2005: 172).

Uma errância de quem sabe que a Lusofonia apenas com o Outro poderá encontrar a sua morada.

### **Bibliografia**

CAETANO, Cristina Maia (2004) *Conhecer o Teatro em Moçambique*. Pinhel, Pinhel Editora.

CAVACAS, Fernanda (2006) “Mia Couto: palavra oral de sabor quotidiano/palavra escrita de saber literário”. Em: Rita Chaves, Tana Macêdo (coord.) *Marcas de diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo, Alameda: 57 - 73.

CORREIA, Maria da Luz (2007) “Mia Couto [entrevista]”. *Visão* (Lisboa), N° 738: 26.

COUTO, Mia (2004 [2000]) “Luso-Afonias – A Lusofonia entre Viagens e Crimes”. Questão (Universidade do Algarve, Departamento de Letras Clássicas e Modernas & Centro de Estudos Linguísticos e Literários – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais). N° 1: 162 – 168.

COUTO, Mia (2007) “Prémio União Latina. Reinventar a língua”. *JL – Jornal de letras, artes e ideias* (Lisboa). Vol. XXVII, N° 954: 4.

COUTO, Mia (2005 [2000]) *Ostatni lot flaminga [O último voo de flamingo]*. Trad. Elżbieta Milewska. Warszawa, PIW.

COUTO, Mia (2004 [1999]) *Vinte e Zinco. Romance*. Lisboa, Caminho.

COUTO, Mia e Luiza, Natália (2002) *Mar Me Quer*. Coimbra, Cena Lusófona.

LARANJEIRA, Pires (1995) *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta.

CRUZ, Duarte Ivo (2006) “O teatro português. Da expansão às independências”. *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas* (Lisboa). N° 19: 15-61.

FRESU, Ana e OLIVEIRA, Mendes de (1982) *Pesquisas para um teatro popular em Moçambique*. Maputo, Cadernos TEMPO.

RÊGO, Francisca Cunha (2006) “Teatro Nacional D. Maria II. Um palco para a Lusofonia”. *JL – Jornal de letras, artes e ideias* (Lisboa). Vol. XXVI, N° 941: 7.

SIMÕES, Helena (2007) “Mia Couto no Nacional”. *JL – Jornal de letras, artes e ideias* (Lisboa). Vol. XXVII, N° 958:32.

*Teatro Nacional D. Maria II. Jornal do Teatro* (Lisboa). N° 11, Abril de 2007 (publicação gratuita).

VASCONCELOS [Teodomiro Alberto Azevedo] Leite de (2000) *As Mortes de Lucas Mateus*. Coimbra, Cena Lusófona.

WILLIAMS, Claire (2005) “Amnésia, anestesia e sinestesia em «Vinte e Zinco» de Mia Couto”. Em: Manuel da Nóbrega e Nuno Pádua de Mora (ed.) *Estudos de Literaturas Africanas. Cinco Povos, Cinco Nações. Actas do Congresso Internacional de Literaturas Africanas de Língua Poruguesa*. Lisboa, Novo Imbondeiro – ILLP da Faculdade de Letras de Universidade de Coimbra: 167-173.

[http://www.ccpm.pt/24\\_teatro.htm](http://www.ccpm.pt/24_teatro.htm)

<http://www.cenalusofona.pt>

<http://www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm>

<http://www.mol.co.mz/notmoc/2000/0221cu.html>

<http://www2.rnw.nl/rnw/pt/atualidade/africa/at040921teatro/Mocambique>

<http://www.teatro-dmaria.pt>

<http://www.teatromeridional.net>